

Detentos e Detentas Também Podem Sonhar? Reflexões e Tensionamentos a Partir da Experiência do Projeto Pipa¹

Beatriz Favaretto DESCHAMPS²

Alice dos Passos LIMA³

Ana Livia BARBOZA⁴

Luisa de Cássia Sousa e SILVA⁵

Luiza do Prado YASUMOTO⁶

Thais de Castro SILVA⁷

Vitória da Silva SMARCI⁸

Vitor Yudi BENINNI⁹

José Carlos FERNANDES¹⁰

Ana Caroline de Bassi PADILHA¹¹

Valquíria Michela JOHN¹²

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este relato apresenta o Projeto Pipa, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) da UFPR em parceria com o Completo Penitenciário Estadual de Piraquara/PR, cidade da região metropolitana de Curitiba. As atividades, iniciadas em 2023, contemplam ações educacionais, com ênfase na realização de oficinas, rodas de conversa e a produção do jornal O Pipa, que foi o articulador da parceria. A atividade extensionista nesses espaços opera no sentido de criar movimentos para quebrar o silêncio em torno das prisões, um dos aspectos motivadores deste projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Comunicação Popular; Democratização da Comunicação; Sistema Prisional; Ncep

O COMEÇO DESSA HISTÓRIA

O NCEP - Núcleo de Comunicação e Educação Popular, é um Programa de Extensão vinculado aos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: beatrizdeschamps@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: alicepassos1506@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: anabarboza@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: luisacassia@ufpr.br

⁶ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: luizayasumoto@ufpr.br

⁷ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: thaisdecastrosilva02@gmail.com

⁸ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: vitoria.smarci@ufpr.br

⁹ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: vitor.beninni@ufpr.br

¹⁰ Orientador do projeto - Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: zeca@ufpr.br

¹¹ Orientadora do projeto - Professora do curso de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da UFPR. E-mail: carol.bassipadi@gmail.com

¹² Orientadora do projeto - Professora Permanente do PPGCOM e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: valquiriajohn@ufpr.br

Públicas da Universidade Federal do Paraná. Seu objetivo é estimular a discussão sobre comunicação popular a fim de promover a democratização dos meios de comunicação.

Tem como eixos norteadores os pressupostos e práticas da Educomunicação, tal como definido por Ismar Soares: “[...] reconhecer que a relação entre comunicação e cidadania vai além da questão da liberdade de expressão, passando pela universalização do direito à comunicação. A isso se denomina de educomunicação” (Soares, 2003, p. 266). Além da Educomunicação, os outros pilares são os da Comunicação Popular, entendida como “[...] uma forma alternativa de comunicação expressa por quem está à margem nas organizações e movimentos emancipatórios” (Ncep, 2024)¹³ e a Democratização da Comunicação o que significa “[...] torná-la disponível a todos os cidadãos, desconcentrando a voz hegemônica dos grandes meios” (Ncep, 2024)¹⁴.

O Ncep completou 20 anos em 2023 e tem atuado em diversos espaços e ações na cidade de Curitiba e seu entorno, com vistas à articulação entre a formação dos futuros profissionais da Comunicação - numa perspectiva comprometida com os três valores citados - e a construção conjunta destes com as comunidades onde atua. Nesses 20 anos, já foram finalizados seis projetos, além dos 12 em realização atualmente. São eles¹⁵: Colégio Estadual João Gueno (desde 2018); Sesc Feira Literária (desde 2017); Promotores Legais [junto à Fundação Escola do Ministério Público]; Floresta Edições; Reatar; Museu da Periferia Vila Torres; Refúgio; CineTrans; Colégio Estadual Santos Dumont e Ocupação Nova Esperança.

O mais jovem dos projetos iniciou em 2023 e é o foco deste artigo. Trata-se do Pipa, projeto em parceria com o Complexo Penitenciário Estadual de Piraquara, que se inicia a partir da produção de um jornal – que dá nome agora ao projeto – e se amplia para a efetiva realização dos três pilares que movem o Núcleo. Ao longo de 2023 e do primeiro semestre de 2024, foram realizadas 17 oficinas, de temas variados, voltadas tanto ao processo da alfabetização midiática e estímulo a produções textuais, muitas das quais desenvolvidas para integrarem as edições do jornal “O Pipa” bem como oficinas articuladas pela perspectiva freireana, tanto pelo viés de uma “pedagogia da esperança” (Freire, 1992) quanto da chamada “pedagogia dos sonhos” (Góis, 2012) que promove processos

¹³ Disponível em: <https://ncepufpr.wixsite.com/ncep>

¹⁴ Idem

¹⁵ As informações gerais sobre cada um dos projetos podem ser vistas no site do Ncep, no link: <https://ncepufpr.wixsite.com/ncep/projetos-em-acao>

de autorreflexão, de construção aprendizados conjuntos e colaborativos quanto, e sobretudo, da “permissão de sonhar” e projetar um futuro a quem cumpre pena.

O ENCONTRO PIPA E NCEP

No vocabulário das prisões, “pipas” são bilhetinhos - produzidos em recortes de papel - nos quais os encarcerados mandam mensagens, não raro, desesperadas, para advogados, familiares, amigos, enfermeiros e até desafetos. No conteúdo, sonhos de liberdade. Os portadores dessas cartas curtas e apressadas costumam ser agentes de segurança e professores, cujos bolsos podem ficar apinhados de pedidos escritos a lápis.

Foi assim – no papel inesperado de “carteira” - que a professora de Geografia e História Cristina Noriko se encantou por esse meio de comunicação exótico, produzido na situação extrema do aprisionamento. Tem uma caixa repleta de papeletes. Tanto que decidiu batizar de “O Pipa” um jornal no qual passou a publicar poemas, pensamentos, desenhos e crônicas escritos por seus alunos e alunas do Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos “Doutor Mário Faraco”, o Ceebja, instalado dentro das “muralhas” da Penitenciária Estadual de Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba. O local - asséptico, arborizado e organizado, mas emoldurado por gritos que ecoam nas galerias - é endereço de cerca de 10 mil detentos, pouco mais de 30% de toda a população carcerária do Paraná, hoje estimada em 94.900 (dos quais 36.353 se encontram em regime de encarceramento)¹⁶.

Uma soma de coincidências fez com que o trabalho solitário da professora Cristina chegasse, em 2023, ao Ncep, justo no ano em que o Núcleo completou duas décadas de atividades. Foi um presente. Neste tempo todo, somaram-se inúmeras tentativas de desenvolver atividades de educomunicação no sistema prisional – impossibilitadas ou interrompidas, em sua maioria. Burocracia, instabilidade, alerta de rebelião, entre outros motivos insistiam em fazer deixar para depois o desejo de atuar junto à população carcerária, realidade de 644.316 mil brasileiros¹⁷. Mas, dessa vez, foi diferente. Num exercício de diplomacia, a educadora Cristina Noriko negociou com os diretores da instituição incursões semanais dos extensionistas às unidades da Penitenciária de Piraquara, para palestras, rodas de conversa e círculos de leitura.

¹⁶ Dados do SisDepen (Sistema Nacional de Informações Penais), disponíveis em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMDY2ODEzOTgtYmJlMy00ZmVkLWlWMTMtMTJjZDQwZWRIYjdhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>

¹⁷ Idem.

Distante cerca de 60 quilômetros do Departamento de Comunicação, o que parece mais longe quando se está a bordo de uma Kombi velha da universidade¹⁸, o presídio se tornou um espaço de formação integrado à UFPR. “O Pipa”, de objetivo primeiro, virou parte de uma ação cidadã e orgânica.

Apenas no segundo semestre de 2023, foram 12 encontros, em unidades de mulheres, presos em progressão, colônia penal, ala de segurança máxima, setor de condenados pela Lei Maria da Penha e presidiários do Complexo Médico Penal - com folga a experiência mais desafiadora, dado o estado de alienação dos inquilinos. Dentre os temas desenvolvidos pelo núcleo de extensão, destacam-se “comunicação não violenta”, “direitos das mulheres”, “fotografia”, “memória e identidade” e, como consequência dessa fase de inserção e dialogicidade, a chamada “pedagogia dos sonhos”, expressão cunhada pelo ativista de direitos humanos Fernando de Góis. No primeiro semestre de 2024, foram oito oficinas, desta vez mais focadas na “pedagogia dos sonhos” e na perspectiva de que ainda que parte da sociedade atribua a todo e qualquer detento/detenta a pena de prisão perpétua, quando não a pena capital - como a famigerada expressão “bandido bom é bandido morto – é possível sonhar e planejar outros uma vida que vá além do rótulo do crime. Nos estudos realizados por John (2004; 2014) a autora constata a importância das práticas de leituras, sejam elas de material impresso ou audiovisual, no processo de cumprimento da pena e na projeção de “outros mundos possível” (John, 2014) para a vida após (ou mesmo durante) a reclusão. As oficinas realizadas, ao partirem dos princípios freireanos, sempre tiveram como ponto de partida as próprias vivências e visões dos e das participantes dos diversos setores e regimes da penitenciária.

No quadro a seguir, estão destacadas as oficinas realizadas em 2023 e 2024

Quadro 1 – Oficinas realizadas

Tema da oficina	Local	No.¹⁹	Ministrantes
Gênero textual Crônica	PEP I (Masculino)	20	José Carlos Fernandes, Beatriz Deschamps, Érico Miranda, Maria Luisa, Thiago, Joaquim Ramos
Gênero textual Crônica	PEP II (Masculino)	80	José Carlos Fernandes, Luiza Yasumoto, Luísa de Cássia, Thaís Castro e Vitor Yudi
Me conte a sua história	PEP III (Masculino)	80	José C. Fernandes, Valquíria John, Ana C. Bassi, Luiza Yasumoto, Thaís Castro

¹⁸ O que já rendeu momentos engraçados, como a equipe ter que empurrar a kombi, sob latidos e perseguição dos cães “adotados” que vivem no complexo. Para finalizar a história, a Kombi simplesmente não voltou a funcionar e foi preciso esperar por outro transporte.

¹⁹ Total estimado de participantes

Me conte a sua história	PEP II (Masculino)	80	José Carlos Fernandes, Luiza Yasumoto, Luísa de Cássia, Thaís Castro e Vitor Yudi
Me conte a sua história	Centro De Integração Social – Cis (Feminino)	40	José Carlos Fernandes, Luiza Yasumoto, Thaís Castro, Carolina Fukuda, Valquiria Michela John e Ana Carolina Bassi Padilha
Comunicação não violenta	Complexo Médico-Penal Do Paraná (Masculino)	60	José Carlos Fernandes, Thaís Castro, Luísa de Cássia, Giovanni Sella
Comunicação não violenta	Complexo Médico-Penal Do Paraná (Masculino)	60	José Carlos Fernandes, Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Thaís Castro
Violência contra a mulher	Cis (Feminino)	40	Ricardo Tecerolli, Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitor Yudi, Érico Miranda
Violência contra a mulher	Pfp-Up (Feminino)	20	Valquíria John, Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Luísa de Cássia, Carol Fukuda
Pedagogia do sonho	Unidade De Segurança – Pce II-Us (Masculino)	20	José Carlos Fernandes, Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Alice Lima
Pedagogia dos Sonhos/ Mediação de Leitura	Encarcerados da Ala Especial	40	José Carlos Fernandes, Vitória Smarci, Ana Lívia Barboza, Thaís Castro, Carol Fukuda
Pedagogia dos Sonhos	Cis (Feminino)	20	José C. Fernandes, Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitor Yudi, Érico Miranda
Pedagogia dos Sonhos	Progressão	80	Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitória Smarci, Ana Lívia Barbosa, José Carlos Fernandes, Thaís de Castro e Silva, Vitor Yudi.
Pedagogia dos Sonhos	Cis (Feminino)	20	Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitória Smarci, Ana Lívia Barbosa, José Carlos Fernandes, Alice dos Passos Lima, Thaís de Castro e Silva.
Pedagogia dos Sonhos	Presos que não pertencem a facções	60	Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitória Smarci, Ana Lívia Barbosa, José Carlos Fernandes, Alice dos Passos Lima.
Pedagogia dos Sonhos	Presos que não pertencem a facções	60	Luiza Yasumoto, Beatriz Deschamps, Vitória Smarci, Ana Lívia Barbosa, José Carlos Fernandes, Natali Schovarts, Alice dos Passos Lima, Thaís de Castro e Silva
Me conte a sua história	“Parque”, apelido de área para presos de alta periculosidade	30	Valquíria John, José Carlos Fernandes, Beatriz Deschamps, Ana Lívia Barbosa, Emanuelle Freitas.

Destaca-se a seguir uma breve sinopse das oficinas realizadas de modo a melhor visualizar a proposta do projeto e como depois as oficinas resultam em textos e outras produções, muitas das quais passam a compor as edições do Pipa.

Oficina de produção do Gênero textual Crônica

A temática de crônicas foi a primeira a ser abordada no início da parceria, aplicada em duas alas distintas. Em período inicial do projeto, o tema foi escolhido pela professora Cristina em conjunto com os extensionistas. A apresentação do gênero textual Crônicas se deu a partir do interesse dos encarcerados sobre o tema. A metodologia e os procedimentos usados seguem a horizontalidade dialógica, de Paulo Freire, e os

princípios básicos da educomunicação de Ismar de Oliveira Soares (2011). Foram apresentadas crônicas de acontecimentos cotidianos e humorísticos, como se dá a escrita de uma crônica e a liberdade de escolha dos temas. O jornal era então apresentado como possibilidade de destino dos textos produzidos.

Oficina sobre violência contra a mulher

Da mesma forma que a anterior, a oficina “Violência contra a mulher” também ocorreu duas vezes em alas diferentes, femininas. A temática também foi indicada pela professora Cristina e a abordagem procurou conectar a escrita, a expressão textual e o Jornal O Pipa com o tema. Foi por meio de dados recentes sobre a violência contra a mulher que se introduziu a reflexão. Foram utilizadas também produções literárias sobre patriarcado e feminismo. Em específico, o poema “Com licença poética” de Adélia Prado e trechos dos livros “Torto Arado” de Itamar Vieira Junior, “Tudo é Rio” de Carla Madeira e “Banheiro Okotó” de Eliane Brum. A intenção da discussão sobre os textos foi de instigar o debate da vivência como mulher encarcerada e a exposição à violência de gênero agravadas pelas interseccionalidades de raça e classe.

A abordagem horizontal, que rege a metodologia usada, fez surgirem relatos de mulheres de grupos etários distintos e tipos de violência diferentes, específicos de cada realidade. Foi proposta uma produção textual no fim das oficinas, como possibilidade de expressão de vivências e compartilhamento de conhecimento. Dentre os textos recebidos, entre poemas e reflexões, houve extensos relatos de violência e sobre a criminalidade como resultado de relações abusivas. A professora Cristina, ao ler a seção “Mulheres”, da primeira edição do Pipa, confessou seu desejo de que as unidades masculinas lessem as produções das mulheres, instigando sua consciência, e vice-versa, isto é, que as encarceradas pudessem ler os poemas e textos, em sua grande parte de lamentação, dos encarcerados.

Oficina sobre Comunicação Não-Violenta

A terceira oficina foi pensada para a ala específica que seria apresentada. O Complexo Médico Penal se localiza em Pinhais e é destinado a pessoas tanto condenadas ou presas provisoriamente com prerrogativas especiais previstas na legislação ou condenadas à cumprimento de medida de segurança. As prerrogativas especiais são, em

sua maioria, pessoas diagnosticadas com algum problema mental, que se encontram em conflito com a lei.

É um público que necessita e ao mesmo tempo carece de atendimento psicológico e psiquiátrico, como registrou os relatórios de vistoria da Defensoria Pública do Paraná de 2023 (ano de realização das oficinas). Foram introduzidas as maneiras de comunicação não-violenta, de convivência coletiva e de expressão individual da fala e da escrita.

Pedagogia dos Sonhos

A temática surgiu quando a professora Cristina expressou sua preferência por temas positivos e com algum grau de esperança para o ambiente tão crítico e complexo que é o sistema prisional. Elegeu-se então a Pedagogia dos Sonhos, uma metodologia criada pelo educador social Fernando Góis no início dos anos 2000, que surgiu como forma de ajudar adolescentes em conflito com a lei a reaprender a sonhar (Góis, 2012). Proposição correlacionada à perspectiva freireana (1992).

A oficina foi aplicada em cinco alas, tanto femininas quanto masculinas, desde segurança máxima, a centro de integração social e unidades de progressão. Abordou-se, primeiramente, os significados múltiplos de sonhos que despertaram o início da reflexão. Como forma de conectar o nosso campo de estudo ao tema, foram utilizados trechos de crônicas que abordam o sonho enquanto prospecção e planejamento de vida, com autores como Rubem Braga e Paulo Mendes Campo. Além da música dos Racionais Mc's “A vida é Desafio”, a qual fala diretamente da realidade do crime e da desesperança. Só notamos o impacto e a adesão dela quando, em uma das oficinas, um aluno falou: “Agora vocês estão falando minha língua”, quando mencionamos a música.

Racionais Mc's, principal grupo de rap brasileiro, denuncia em suas letras a realidade do racismo e do classismo no país, da vida na periferia e da desigualdade social. A população carcerária é, portanto, o público que o rap fala para e sobre. A música torna-se um destrave essencial para o início da discussão sobre sonhos, de fato contextualizada na realidade que os alunos viveram e vivem, tanto dentro do sistema prisional quanto fora. “Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco”, diz um verso da canção, que instigou diálogos sobre os sonhos de empreendedorismo dos alunos, que compartilham o desejo de abrir seu próprio negócio e sair da vida do crime. Não apenas isso, o sonho, durante a oficina, é abordado em todos os seus sentidos.

Os relatos de sonhos ao dormir são divertidos e analisados em conjunto, assim como os sonhos de infância e os de liberdade, compartilhados com emoção e esperança. A música “A vida é Desafio” é escolhida, sobretudo, pois apesar de denunciar a escolha entre o sonho e a sobrevivência, que discutimos em toda oficina, frisa a mesma mensagem da Pedagogia dos Sonhos de Góis: “Acreditar que sonhar sempre é possível / É o que mantém os irmãos vivos”.

Todos esses elementos são pontos de partida da reflexão sobre o sonhar enquanto pessoa privada de liberdade. Surgiram múltiplos relatos e questionamentos, escritos e falados, a partir das seguintes propostas: 1) Um encarcerado tem o direito de sonhar? 2) Conte um sonho seu (em qualquer significado da palavra), 3) Seus sonhos mudaram?. Tanto nessa oficina quanto nas outras, buscou-se incentivar a produção textual como forma de expressão e, ao mesmo tempo, valorizar a oralidade e a partilha coletiva.

Na distribuição da segunda edição do jornal, um aluno reconheceu um texto seu e Cristina leu em voz alta: “...Se o caneta azul conseguiu, eu também tenho a capacidade e competência muito mais ao infinito e além. Por exemplo, um presidente ou até mesmo um rei, um lorde ou um corde, somente pelo fato de comprar um país ou uma ilha...” O texto, faz referência ao Manoel Gomes, cantor da internet, que virou famoso com a música “Caneta Azul”. A escrita bem-humorada, publicada no jornal e reconhecida pelo aluno, reforça para o grupo a necessidade de abordar assuntos sérios e complexos de maneira acessível, criativa, horizontal e, por vezes, descontraída. Destaca-se a seguir exemplos de textos publicados no Pipa decorrentes dessas oficinas

FIGURA 1 – Exemplos de textos decorrentes da Oficina da Pedagogia dos Sonhos.

O meu sonho!

O meu sonho é sair dessa cadeia e dar um futuro melhor para a minha família. É terminar os estudos para ser alguém na vida. Correr atrás dos meus sonhos, voltar a trabalhar. Terminar os estudos, ajudar meu pai. Terminar a nossa casa.

Pretendo fazer faculdade. Na verdade, vou sim fazer a faculdade para ter um futuro melhor e, assim, seguir a vida em paz, sem dever nada à justiça.

Amo muito minha família. Só vou dar felicidade a eles. Amém! Amo muito eles, chega de tristeza. Juro que estou melhor comigo mesmo e pretendo continuar a viver em paz. Amém!

Esse será meu sonho. Poucas palavras, mas significam. Amo todos eles. Amém.

por WILLIAN

Já dizia o grande Raul

Já dizia o grande Raul
Sonho que se sonha só é apenas um sonho.
Sonho que se sonha junto é realidade.

E eu sonho que nosso sonho coletivo se transforme em verdade.
O sonho de ser tratado como gente, para alcançar a dignidade.

Sonho que nenhuma criança cresça à margem da criminalidade.
Sonho que pais e mães voltem para casa no fim da tarde.



por JULIO



Até onde é possível sonhar?

Paro e olho. Então, logo percebo: são grades na minha frente.
Então, me pergunto: serão elas que limitariam a minha mente?
Então vem aí a realidade: me encontro algemado e privado da liberdade.

Me perguntaram: até onde é possível sonhar?
Questionei e me perguntei: até onde nos permitimos sonhar?
Foi então que entendi. Sonhamos até onde nos limitamos,
e vivemos em busca do que almejamos encontrar.
Algemas e grades nos mostram apenas que erramos,
mas o sonho só é perdido quando a mente limitamos.
Moro em um barraco com mais 4 irmãos, e certamente entendo
que eles sonham diariamente coisas que jamais revelarão.

No final, cabe a cada um interpretar que sonhos de
verdade nem algemas e nem grades são capazes de apagar.
Se sonhar é viver, então me custo a falar que sonhei.
A vida inteira em amar, ser feliz e buscar a quem amar.

Então digo a você, meu querido irmão:
existe sonho maior que seguir o coração?

por CLEVERTON

FIGURA 2 - Oficina Me Conte Sua História

Me Conte sua História

Durante o evento anual SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), realizado na UFPR em 2023, o NCEP elaborou uma oficina de contação de histórias, na qual propunha incentivar os participantes a compartilhar suas vivências através de perguntas sorteadas. Após esse evento foi concluído um vídeo de relatos das mais diversas histórias, e este vídeo e a metodologia elaborada foram utilizados para realizar a oficina “Me Conte sua História” nos setores da Penitenciária de Piraquara.

Os resultados são positivos, em toda sessão foi apresentado o vídeo e a partir dele desencadeadas conversas sobre a importância de cada trajetória, ressaltando os fatores externos, e internos, que influenciam as tomadas de decisões. Em decorrência do diálogo, eram apresentadas as perguntas, oferecendo para quem se sentisse confortável participar respondendo a uma ou mais questões. Foram utilizadas perguntas como: Em quem você

gostaria de dar um abraço de agradecimento? Há quem você deve quem você é hoje? Qual momento representa um antes e um depois na sua vida? Entre vários outros questionamentos, que às vezes geravam respostas mais divertidas, engraçadas, como se você fosse uma pessoa famosa, quem seria, mas também momento de grande emoção, evocadas pelas memórias e vivências antes e durante o período de reclusão.

O momento de troca de histórias dos encarcerados cria uma atmosfera reflexiva, nem sempre há muitos participativos, mas na maioria das vezes as participações são efetivas. Prioriza-se pelo diálogo livre, abrindo espaço até mesmo para a equipe compartilhar brevemente suas vivências e assim facilitar o processo de participação dos detentos e detentas.

Oficina de Medição de Leitura

A mediação de leitura foi uma ação pontual, que ocorreu em paralelo a uma das vezes em que se realizou a oficina com a temática Pedagogia dos Sonhos. A sugestão surgiu de Carol Fukuda, discente do curso de Letras/Espanhol na UFPR e parceira recorrente do Ncep. Carol selecionou duas crônicas para a mediação, “A Luz é Como a Água”, de Gabriel García Márquez e “A Perna do Seu Duílio”, de Antonio Prata. Ambos os textos retratam a criatividade infantil, fato que foi reconhecido pelos encarcerados após a leitura.

A interação foi muito proveitosa, os encarcerados ouviram a leitura atentamente e discutiram a respeito dos temas abordados nas crônicas. No final da mediação, eles foram provocados a produzirem crônicas, baseando-se em histórias de suas vidas e de seu cotidiano.

As oficinas, todas elas feitas por estudantes do Ncep e seus orientadores, realizadas em diferentes unidades da penitenciária (como se pode ver no quadro 1 e nas descrições), serviram de contrapartida para a edição do jornal “O Pipa”, produto que ganhou formato revista e cerca de 20 páginas coloridas, com distribuição dirigida, na casa dos 100 exemplares, circulantes. Em 2023 foram produzidas duas edições de O Pipa, cujas capas podem ser visualizadas a seguir. Uma terceira edição se encontra em processo de finalização.

FIGURA 3 – Capas das edições 1 e 2 de O Pipa

Jornal O PIPA

ANO 1 | Nº 1 | NOVEMBRO 2023

PIRAQUARA | PARANÁ

Dia de visita

No dia de visita, acordo cedo, completamente sozinho para a visita de minha família. Faço minha higiene, tomo uma ducha, fico bem animado para a minha família me ver. Por mais alguns minutos e hora fico bastante "ansioso, abalado", esperando minuto a minuto o "agito" chamar meu nome para a "visita". E quando esse momento chega, de excitar e agitar chamando meu nome... meu coração se tranquiliza, assim como antes mesmo minutos a fidelidade vem, pois sei que mais uma vez conseguirei abraçar o meu lindo filho e a minha linda mãe.

No saída do colégio, passo por uma revista, sou algemado e as mãos e os pés, mas isso não me impede de correr até o pátio de visita. Pós a "sauidade" está grande no corredor... Chegando no pátio de visita, vejo



meu lindo filho e minha linda mãe, me abraçando com sorrisos lindos em seus rostos... No pátio de visita, aproveito cada hora, minuto e segundo ao lado de minha família, porque sei que essas horas e minutos vão acabar...

É novamente a minha família para casa via voltar... Mas sei que Deus logo logo vai me abraçar, e depois de sete anos também para casa vou voltar... É de minha família vou cuidar... Porque a liberdade vai comer...

por ALLAN

Participação do Ncep da UFPR

O NCEP – Núcleo de Comunicação e Educação Popular é um programa de extensão vinculado aos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná.



Equipe do Ncep UFPR.

Nesse objetivo é estimular a discussão sobre comunicação popular a fim de promover a democratização dos meios de comunicação.

Quando conhecemos a professora Cristina, nos aproximamos por ela e seu projeto, O PIPA.

Passamos a visitar a penitenciária e propoer aos alunos oficinas de escrita, das quais nasceram as crônicas e alguns dos poemas neste jornal publicados. Está sendo um prazer gigante trabalhar junto à professora, para dar continuidade ao projeto e alimentá-lo.

Queremos que esse jornal seja seu espaço para se expressar. Por isso, pedimos que nos escrevam suas opiniões e sugestões para que O PIPA fique cada vez mais a sua casa. Agradecemos a professora Cristina pela oportunidade e a todos que participarem!

JORNAL O PIPA | NOVEMBRO 2023 | 1

Jornal O PIPA

ANO 1 | Nº 2 | DEZEMBRO 2023

PIRAQUARA | PARANÁ

Até onde é possível sonhar?

Saúdo a todos que tiveram a oportunidade de ler essa mensagem. Eu sei que aqui neste lugar, onde me encontro preso, é resultado de uma escolha minha.

Mas, também, isso não é o fim. As dores contemporâneas, com o passar do tempo, sempre vêm. Lidamos no meio de viril e digni-

Um dia eu vivi um conselho de uma psicóloga que me disse: "Quando passamos por um momento depressivo, é um bom momento para colocarmos nossa cabeça em ordem". E eu gostei disso, pois no meu caso, quando chegam as datas festivas, eu passo a analisar as más escolhas que fiz e as consequências que elas me causaram.

De tanto refletir nisso, eu entendi que boas escolhas não levam a bons resultados. Más escolhas nos levam a maus resultados. Agora, sabias escolhas nos levam a melhores resultados. São as sábias

"Quem construiu as prisões ao longo da história, não estudou o processo de construção de pensamento, não entendeu que a mente jamais pode ser aprisionada!"

por J.C.C.F.

escolhas que devemos buscar. E, para fazer essas sábias escolhas, devemos não ser precipitados em tomar escolhas.

por R.R.



da vida mesmo é a vida que fazemos universal. E sabe o que? Fazer movimentos não é nada legal, o sentimento é estranho.

"Ela podem nos prender, mas nossos pensamentos e sonhos vão além dessas paredes e grades!"

por P.L.K.

JORNAL O PIPA | DEZEMBRO 2023 | 1

Sem essa possibilidade de se reportar aos encarcerados - ouvindo-os e tendo acesso às rígidas rotinas da prisão - a colaboração na edição do jornal seria uma mera prestação de serviços. Atentos aos princípios extensionistas, a interação com os detentos e detentas gerou impacto na vida dos estudantes; e a transdisciplinaridade. Um presídio é um Brasil profundo, no qual todos os conteúdos estão inclusos. Até então, para a maior parte dos seis estudantes envolvidos na atividade, o sistema prisional era uma abstração. O mesmo se pode dizer da universidade para os detentos e detentas: mas eles agora recebem os visitantes com a pergunta "quando sai o próximo Pipa?". E o número de oficinas e de temas também tem aumentado e proposto a partir dessa relação. Em 2024, por exemplo, e temática articuladora das ações tem sido a questão da readequação e ocupação profissional.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO E OS DESAFIOS DA CONTINUIDADE

O jornal "O Pipa" foi criado de forma experimental, em 2022, por iniciativa de Cristina Noriko, docente da rede de ensino do estado do Paraná. As duas primeiras edições foram impressas em papel sulfite, sem diagramação, impressas a expensas da educadora e distribuídas entre os encarcerados da Penitenciária Estadual de Piraquara. O efeito positivo sobre esses alunos foi instantâneo, o que levou Noriko a procurar a ajuda

da UFPR - precisamente do Núcleo de Comunicação e Educação Popular, o Ncep -, para colaborar na produção do jornal.

As tratativas foram rápidas - os extensionistas digitariam os textos escritos à mão pelos detentos, editariam e diagramariam os novos números de “O Pipa”. Em contrapartida, para que se caracterizasse uma ação extensionista, o Ceebja Doutor Mário Faraco – instalado dentro da penitenciária - permitiria a entrada de até seis estudantes e orientadores a cada semana. Os encontros - na forma de palestras, oficinas, rodas de leitura ou conversas informais - teriam o intuito de aproximar futuros comunicadores do invisibilizado sistema prisional. Logo, os ganhos para o próprio sistema se fizeram notar, dada a acolhida dos detentos e dos demais professores.

“Há 20 anos, eu atravesso sozinha esse corredor de 1,5 quilômetro, cercado de guaritas, entre uma unidade e outra, e ninguém sabe o que é isso. Nem a minha família”, declarou uma educadora à equipe, ao expressar o silêncio que cerca as chamadas “celas” de aula. Os extensionistas, ao circularem pelas unidades, enxergaram esse cenário. Nenhum endereço dentro do complexo se assemelha a outro. Pode-se numa semana estar num círculo, com falantes mulheres encarceradas e noutra cercado de policiais com metralhadoras, passando em máquinas de raio-X, cruzando galerias com portões automáticos para conversar com líderes do PCC.

Ao mesmo tempo em que um grupo de extensionistas transita com as palestras, nos laboratórios do Departamento de Comunicação é gerada mais uma edição de “O Pipa”. Chamado de jornal, diagramado no modelo revista e alcançando a marca de 20 páginas, o produto manteve boa parte de suas características iniciais, de forma que a ação da universidade não fosse colonizadora. A sequência editorial é temática, mas elástica na quantidade de seções: “Poemas”, “Meu Retrato”, “Trabalho”...

Os autores se expressam pela escrita, mas também pelo desenho. Os textos podem se resumir a uma frase curta, assinada com pseudônimos. Amor, esperança, revolta - um conjunto de sentimentos se concentra em cada folha de caderno rascunhada, dando continuidade aos chamados “escritos do cárcere”. Nem tudo é previsível nas “pipas”, que continuam em circulação. “Venho por meio desta ver se a senhora poderia me ajudar, pois só tive aula de química uma vez aqui e não tive mais”, escreve um aluno do 1º ano do

ensino médio. Estima-se que pouco mais de 53% dos prisioneiros brasileiros não tenham sequer concluído o ensino fundamental²⁰ - o que faz deles órfãos da escola.

Além da autoexpressão - que incide sobre a retomada da capacidade de sonhar – a leitura coletiva de “O Pipa” permite que as falas de outros, que vivem no mesmo lugar, mas noutra unidade, possa ser confrontada. Há alteridade possível nesse espaço pouco estimulante. Ainda que faltem elementos para associar esses escritos com retomadas de projetos de vida, pode-se dizer, de forma pragmática, que o jornal funciona como válvula de escape, mas também como propulsor de diálogos e criações. Não é raro que homens e mulheres, reduzidos ao uniforme laranja de presos, agora se apresentem como rappers e poetas da rua. E que irrompam nos encontros, pedindo para declamar o que produziram. O grande desafio da continuidade é como tudo que envolve o Sistema Prisional Brasileiro, o fato de que as ações realizadas estão sempre na dependência da “boa vontade” dos dirigentes das instituições. Por hora, a parceria segue firme e instigante.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. RJ: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 [original de 1992].

GOIS, F. **As quatro ferramentas pedagógicas da Pedagogia dos Sonhos**. Palestra TED/UFPR, 2012

JOHN, Valquíria Michela. **Palavras da salvação**: as representações da leitura na prisão. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2004. 193 f.

_____. **Mundos possíveis e telenovela**: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas / Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Cidadania**: A Construção de um Campo a partir da Prática Social. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

²⁰ Segundo os dados Sisdepen de dezembro de 2023, do total de 644.316 detentos brasileiros (entre homens e mulheres), 14.366 são analfabetos, 23.652 são alfabetizados, mas sem instrução e 287.031 têm o ensino fundamental incompleto. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-2- semestre-de-2023.pdf>